

A verdadeira história de um hospital

ERNESTO SILVA
Colaborador

O Hospital de Base está na berlinda.

Pela primeira vez vou contar, com todas as minúcias e crueza, a verdadeira história deste monumento que pessoalmente criei e que hoje é vítima da maledicência da imprensa, das críticas dos usuários, da difamação popular.

A diretoria da Novacap era composta por dois engenheiros (Israel Pinheiro e Bernardo Sayão), um advogado e fazendeiro (Iris Meinerberg) e por mim (médico e professor). Eu vivia entre engenheiros que pensavam em construir prédios, palácios, estradas.

Mas, como sempre repeti continuadamente, a mudança da capital não poderia se resumir na edificação de uma cidade no interior do País para depois defini-la como capital; nem na construção apenas de prédios modernos, de linhas arrojadas, de pontes, trevos, viadutos, avenidas, apartamentos.

Inconformado com o desperdício dos dinheiros públicos, aproveitamos a oportunidade que se nos ofereceu a construção da nova capital para, como responsável na diretoria da Novacap pelos problemas atinentes à educação e saúde, instituir, em Brasília, sistemas novos, modernos, revolucionários.

De antemão, queremos afirmar que, já em 1959, objetivamos criar em Brasília o que somente hoje (1987/1988) as autoridades estão querendo realizar no Brasil: estávamos avançados quase 30 anos! Naquela época projetamos um sistema de saúde unificado, regionalizado, hierarquizado, descentralizado.

Mas vamos diretamente à história do atual Hospital de Base, que, na época, se chamou de Hospital Distrital porque seria realmente um hospital regional.

Definido o Plano Médico-Hospitalar de Brasília, composto de postos rurais de saúde, de centros de saúde, de hospitais rurais, hospitais distritais, Hospital de Base e colônia hospitalar, construímos o primeiro centro de saúde, na Av. W3 Sul, inaugurado em 12 de setembro de 1959, e continuávamos as obras do então Hospital Distrital de Brasília.

As dificuldades para a construção foram imensas. Os colegas de diretoria consideravam um absurdo as proporções do Hospital e foi preciso que esgotasse as minhas argumentações e contasse com a colaboração dos membros do Conselho de Administração, particularmente dos conselheiros Bayard Lucas de Lima, Ernesto Dorneles e Epílogo de Campos para que pudesse vencer a resistência à aprovação do projeto. O ministro Mário Pinoti concedeu uma verba para o início das obras e a firma Pederneiras foi contratada.

Apesar de gigantescos obstáculos que se antepuseram à construção, a obra foi caminhando e, a 21 de abril de 1960, pudemos inaugurar o pavimento térreo e um andar, já suficientes, embora precariamente, para atender à população existente.

A Novacap realizou uma concorrência internacional para aquisição de todo o material e o Hospital Distrital se transformou no mais moderno do País.

Para servirem no hospital, os médicos e enfermeiras foram recrutados em todo o Brasil e escolhidos por mérito, através de concurso de títulos. Alguns, já residentes em Brasília, foram admitidos *hors-concours*. Para tanto, eu pessoalmente percorri vários estados do Brasil, procurando divulgar a excelência do Plano Médico-Hospitalar.

O entusiasmo dos profissionais de saúde era inenarrável. O trabalho em tempo integral, o direito de livre escolha do doente pelo médico de sua preferência, a instituição do pro-labore por produtividade tornavam o sistema atrativo e compensador.

O hospital gozava do mais amplo respeito da população. Os médicos viviam no hospital e para o hospital. A maioria deles tinha consultório no próprio hospital. Aos sábados, no expediente da manhã, havia reuniões científicas e administrativas.

Mas os tempos foram mudando. Por volta de 1967, já se notavam grandes modificações e certo descompromisso dos profissionais. Alguns começaram a se servir do hospital para proveito próprio em vez de servir à instituição, sem que as autoridades superiores tomassem quaisquer providências.

Na época do governo Lamaison, criaram-se os centros de saúde, o que deu novo alento ao sistema de saúde: reviveu-se o plano original, que serviu de exemplo para o Brasil. Mas, em contrapartida, os hospitais foram esquecidos e o descompromisso profissional se alastrou celeremente como fogo em cordame.

Hoje, o nosso sistema de saúde, que, teoricamente, é o mais bem organizado do País, perdeu o crédito, por causas conhecidas.

Sinto-me contristado, desolado, estiolado.

As autoridades, através dos anos, não ouviram os meus apelos, não se sensibilizaram com os meus conselhos e conhecimentos, não compreenderam a mensagem patriótica.

Semeei em solo adusto.

Resta-me, neste momento, o consolo de ter feito, embora sem êxito, um gigantesco esforço em prol do meu povo e da minha pátria.